

Detritos espaciais não representam perigo eminente à humanidade

*Jornal Cruzeiro do Sul/SP
Ubirajara Jr*

Calcula-se que gravitam hoje em torno da Terra cerca de 100 mil objetos considerados detritos espaciais. São parafusos, antenas, painéis e satélites desativados, estágios de foguetes, restos de combustíveis sólidos e até ferramentas perdidas por astronautas durante operações de reparos. A possibilidade de qualquer um desses objetos entrar na atmosfera terrestre e causar um acidente é remota diz o cientista Marcelo Lopes de Oliveira Souza, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), de São José dos Campos (SP).

Mesmo sendo pequena essa possibilidade, como a de que esses objetos venham a colidir com naves tripuladas ou mesmo outros satélites em atividade causando sérios prejuízos, a maioria desses detritos são mapeados e monitorados por meios de radares. De qualquer forma, uma das explicações dadas por Souza, PhD em Astronáutica pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), dos Estados Unidos, para que não se faça uma limpeza no espaço é o fato de que muitos dos satélites em órbita são militares e não existe interesse em se revelar sua verdadeira posição e muito menos sua finalidade.

Além do monitoramento eletrônico a Terra tem na sua atmosfera um escudo natural. Os objetos de pequena dimensão são destruídos pelo atrito quando entram na atmosfera e os de grandes proporções, como estágios de foguetes ou laboratórios espaciais como a nave russa Mir, desativada este ano, tem sua reentrada na atmosfera de certa forma controlada e direcionada para regiões desabitadas e preferencialmente sobre os oceanos. Portanto, Souza garante que as previsões feitas por alguns cientistas no início dos anos 90 de que por volta do ano 2010 serão muito

grande os riscos de acidentes provocados por detritos espaciais são cálculos mais especulativos do que concretos.

A região onde se concentra a maior quantidade de detritos é a de até 1500 Km de altura, também chamada de faixa de interesse comercial, isso porque um satélite orbitando a uma altura menor que essa sofre maior atrito e exige correções de curso constantes para que não caiam e para que um satélite seja colocado numa órbita superior os gastos são bem maiores.

No mês passado a França propôs ao Subcomitê Jurídico da ONU para Questões Espaciais, reunido na Rússia, a obrigatoriedade de que os países lançadores de satélite estabeleçam medidas preventivas à produção de detritos espaciais. Alguns países, entre eles os Estados Unidos, se posicionaram contra a propostas alegando que tal medida oneraria muito o caixa das empresas envolvidas nas atividades espaciais e também teria reflexo nos programas espaciais dos países em desenvolvimento, como o Brasil por exemplo. Para Souza, além dessas questões existem outros fatores e interesses que os países não revelam e que impedem o estabelecimento dessas medidas profiláticas.

Mesmo assim, o cientista que esteve ontem em Brasília para abrir o Ciclo de Palestras Quintas Especiais, promovido pela Agência Espacial Brasileira (AEB) acredita que os países quem têm maior atividade espacial encontrarão meios de reduzir a produção de detritos espaciais pois uma parte da tecnologia em desenvolvimento por eles se movimenta também nessa direção.